

Enredos amorosos

09/06/10

Ao contrário de muitos animais, o homem é um ser frágil e desprovido de recursos necessários para superar, por si só, as adversidades da natureza. Portanto, o desejo de estar vinculado pode ser explicado em função das necessidades do homem, uma vez que este precisa de proteção para sobreviver. Pertencer ecoa com mais força em nossa vida e a falta dessa condição pode representar uma luta desesperada para evitar o caos, constituído, entre outros elementos, pelos sentimentos de exclusão, abandono e menos valia.

Sabe-se, no entanto, que certas relações amorosas sucumbem diante da convivência, da rotina e das dificuldades naturais da vida. Entre algumas hipóteses, verifica-se, a princípio, que há aqueles que se apaixonam por personagens que só existem em contos de fada. A imaginação, a fantasia, os instintos, as emoções, o místico e a exaltação (que se aproxima da insuficiência) caracterizam, quem sabe, relacionamentos fundamentalmente ligados às projeções românticas. Mas, pelo excesso, talvez sempre fique faltando algo, do mesmo modo que, pela falta, constitui-se uma relação de muito vazio. Em ambos os casos, identificam-se comportamentos incompatíveis com o cotidiano de uma relação produtiva.

Em uma relação romântica, o outro representa uma forma de libertação e felicidade plena. Torna-se o depositário de nossas expectativas, necessidades, desejos e frustrações. Ao invés do indivíduo compartilhar, apenas é forçado, muitas vezes, a oferecer algo que não tem e que não pode dar a alguém. Passa a responder pela realização de tudo aquilo que um outro espera. Assume o papel de compensar carências, eliminar sofrimentos, solucionar conflitos, realizar promessas irrealizáveis e inserir a pessoa em um verdadeiro mundo cor-de-rosa. As pessoas passam a habitar um país imaginário, alimentado por uma felicidade inesgotável. Em síntese, algumas escolhas buscam, apenas, aquilo que o indivíduo gostaria de ser ou ter (não aquilo que o outro realmente é ou tem a oferecer).

Ao se apaixonar, o indivíduo pode não perceber a distância necessária para notar um outro que, de fato, não é ele. A relação só representa um encontro, uma intimidade, se a individualidade (particularidade ou originalidade que distingue uma pessoa da outra) consegue ser mantida. Fusão ou grande afastamento ameaça a relação. O vínculo entre as pessoas deve deixar um espaço que permita a manifestação de projetos, idealizações e desejos do outro. Implica respeito às diferenças, renúncias, frustrações, tensões e conflitos, visto que as crises também fazem parte da vida.

Uma relação produtiva é sustentada por um mútuo acolhimento: vivência de ser aceito e compreendido da forma que se é, buscando, por exemplo, mais segurança, prazer e crescimento enquanto ser humano. Um amor psicologicamente adulto, maduro, não é um mero sentimento. Envolve respeito, responsabilidade, cuidado, carinho, dedicação e conhecimento. Não é apenas uma espécie de troca mercantil. É uma doação. Não é uma “mágica”. É algo deliberado, ou seja, decidido. É olhar para dentro da alma de uma pessoa e construir relações profundas, significativas e construtivas. Afasta-se das superficialidades e nos coloca no lugar do outro para aceitá-lo da forma que ele é, compreendendo seus conflitos, sofrimentos e fragilidades.

Quem ama defende e respeita, custe o que custar, a dignidade do outro. Desenvolve e mantém comportamentos impregnados de valores, com o intuito de se tornar um terreno fértil para a relação germinar. O amor maduro também traz alegria, liberdade e crescimento. Rompe as barreiras da aparência e firma suas raízes na essência do sujeito. Expressa seus sentimentos de forma honesta, respeitosa e verdadeira (autenticidade) – o que se contrapõe às falsidades e grosserias. Ao amar, o indivíduo assume um compromisso com a outra pessoa e é capaz de se doar livre de imposições, chantagens ou interesses. Suas atitudes e ações alimentam tal relação de confiança e zelo. Sem hesitar, a pessoa cuida e preocupa-se com sua(seu) parceira(o). Cuidado que difere de aprisionamento ou apego. Revela um sentimento de valorização de um outro que “está comigo porque quer e até quando quiser”.

Mas, se a capacidade de amar envolve renunciar um pouco de si para abraçar o outro, conclui-se, é claro, que é impossível desenvolver uma forma de amor maduro enquanto nosso interior estiver em conflito ou decadência. Neste caso, tentamos nos apropriar dos outros para sugar tudo aquilo que nos falta. Mesmo assim, outras formas pervertidas de amar talvez possam surgir como um pedido de socorro, uma vez que abrigam, porventura, uma vida interior em ruínas.

Rodrigo Arcanjo dos Santos - Psicólogo Clínico (CRP 06/97030), Professor, Escritor e Expositor.